

Sobre cidades:

Experiências e memórias de trabalhadores — Apontamentos de uma Pesquisa.

Célia Rocha Calvo¹.

A proposta desta comunicação traz apontamentos da pesquisa desenvolvida no projeto de pesquisa “*Cidade, Memória e Cidadania Cultural: “Um estudo sobre projetos de Revitalização/reabilitação nas cidades de Belo Horizonte e Fortaleza” 1990-2010*”.²

Desde a virada do século XX para o XXI os espaços públicos dessas cidades vêm sendo foco destes programas de revitalização urbana, executados em parceria com os poderes públicos e privados. Procuro problematizar os princípios que orientam a implantação destas ações de intervenção urbana e a maneira como instituem ou reafirmam marcos histórico-culturais nos espaços revitalizados, o que diz respeito à criação e difusão dos sentidos de preservação histórica, por meio das memórias que vão sendo selecionadas nestes espaços, como lugares da história da cidade e, no contrapelo, entender como os trabalhadores, habitantes destas áreas, interpretam essas mudanças, suas retiradas e ou permanências diante destas ações de intervenções e expropriação . Como vêm os territórios de suas vivências serem transformados em lugares cenográficos para o trânsito e circuitos culturais em suas diferentes facetas.

Assim refletir sobre a historicidade destas relações que constituem a cidade focando experiências sociais de sujeitos, no modo como registram suas presenças, constroem seus viveres, experimentam tensões, conflitos e, por meio destas ações, vão construindo os seus territórios (cf. CALVO, 2004); isto para entender a cidade para além de um conceito urbanístico (FENELON, 1999), ou em outras palavras, para além das ações provenientes de saberes técnicos que se hegemonizaram nas ações ligadas ao planejamento urbano, nos anos 1970-1980 (MARICATO, 2000), em projetos que procuram instrumentar uma ‘racionalidade’ vinculada ao mercado capitalista, ou ao que passou a ser estudado, a partir dos anos 1990, como a cidade dos circuitos globalizados

¹ Instituto de Historia. Programa de Pós-Graduação em Historia.UFU.

² Projeto conta com o apoio financeiro do CNPq/MEC/CAPES.

do capital, como têm se tornado as grandes cidades das regiões metropolitanas (cf. TELLES, 2006).

Assim a proposta é investigar os processos de implantação dos programas de revitalização/reabilitação, refletindo-os como “novas modalidades de intervenção urbana”, sobretudo, nas cidades que se transformaram na virada do século XXI, em centros de regiões metropolitanas. Procuo problematizar os sentidos difundidos de degradação/revitalização bem como refletir sobre os significados destas ações para moradores, trabalhadores que vivem nas áreas revitalizadas, apropriam-se delas e as valorizam nos referenciais de suas culturas, memórias e histórias.

Para perseguir estes objetivos foi preciso viver nestas cidades, ao longo de um ano, buscando, neste tempo, apreender na dinâmica da vida urbana, o movimento cotidiano dos seus moradores, os diferentes usos e apropriações dos espaços reabilitados/revitalizados. Esse tempo foi necessário para construir um olhar que não ficasse aprisionado às imagens veiculadas nos materiais de publicidade, nas rotas e guias turísticos. Para tanto criei como estratégia andar por estes espaços carregando uma máquina fotográfica, um gravador e um bloco de anotações, buscando com essas ações produzir registros que atuassem como fontes para a reflexão.

Em Belo Horizonte, caminhei pelo centro da cidade, fotografando cenas dos espaços públicos, ruas, praças e avenidas, conversando com seus moradores. Nestas andanças chamou especial atenção alguns marcos estéticos que se destacavam nas obras de construção do Bulevar dos Arrudas, nas restaurações da Praça Rui Barbosa, do prédio da Estação Ferroviária³ e a criação da esplanada; também a incidência de práticas de preservação de fachadas de alguns prédios localizados no entorno e os projetos paisagísticos que incorporam alguns aparatos tecnológicos como iluminação⁴.

³ Ver Miranda, J. de Souza. A Gênese de Preservação do Patrimônio Municipal de Belo Horizonte. Movimentos Sociais e a defesa da Praça da Estação. Dissertação de Mestrado. Escola de Arquitetura da UFMG. BH, 2007 . Neste trabalho o autor trabalha com entrevistas dos arquitetos que participaram do processo de mobilização pelo tombamento dos conjuntos históricos de Belo Horizonte, sendo o primeiro deles o que compõe o complexo ferroviário.

⁴ Estas reflexões foram publicadas no artigo: Programas de Revitalização Urbana: Os processos de apropriação/expropriação dos espaços e territórios dos trabalhadores. Belo Horizonte.MG.Apontamentos de uma pesquisa.In: Anais do XVII Encontro Regional de História: O lugar do conhecimento no mundo contemporâneo. Conhecer, Pesquisar e Ensinar História. ANPUH-MG, 2010, Uberlândia Anais Eletrônico.Fapemig/UFU/Capes. 2010. v.1. p.1 - 11

Já em Fortaleza as caminhadas se deram nos espaços reabilitados da Praia de Iracema que se estendem à praia de Meirelles, pelas obras do aterro e dos calçadões, até o Mucuripe, onde se localiza o Porto da Cidade. Este percurso tem cerca de seis quilômetros e é tomado por empreendimentos ligados ao setor de serviços, isto é, pelas ocupações de hotéis e Flats para turistas e condomínios de luxo, cercados por segurança privada, bem como, uma variedade de restaurantes, para todos os gostos. Nestes seis quilômetros de orla as obras de revitalização apresentam-se de modo articulado aos sentidos de usos que se quer firmar neste ao espaço: lugar de exercícios físicos, de passear com animais e fazer caminhadas; quadras de jogos além das barracas padronizadas para o uso destes que freqüentam o calçadão.

Nas andanças por estas cidades, procurei focar no ângulo das varias fotografias os usos “dissonantes” dos sentidos que se procura atribuir aos espaços nos planos e programas de reabilitação/revitalização.

Por meio destes procedimentos metodológicos procurava não cair numa visão “classificatória” destes espaços e sim compreendê-los nos significados sociais articulados à vida urbana, aos sentidos de presente-passado, que se projetam em sua materialidade, quer na arquitetura dos prédios, nos diferentes traçados de ruas e avenidas, nas fachadas das edificações restauradas e ou preservadas como patrimônio histórico atentando para os usos culturais vinculados às instituições públicas ou privadas, como também, no modo como seus habitantes os referenciam no cotidiano das relações vividas na cidade.

Desta maneira desejava também “resistir” ao “modo operante” das imagens vinculadas aos interesses do capital globalizado, que pretende transformar a cidade em cenários para um público constituído na orbita das relações compostas pelas redes criadas pelos investimentos em “grandes negócios”, pautados numa lógica que procura “descobrir”, “inventar” e reafirmar uma “vocaçao” para a cidade para que esta ingresse ou integre um sistema competitivo neste mercado globalizado. Sob este prisma tais investimentos procuram transformar a cidade em lugares prioritários dos interesses

ligados aos setores da indústria de serviços entre eles o da tecnologia em comunicação e da oferta de bens culturais⁵.

Depois de produzir esses registros me dediquei a investigar os documentos produzidos pelos poderes públicos relativos aos “programas revitalização” para compreender as diretrizes que orientam a implantação destas ações, os diferentes sentidos de degradação e revitalização. Estes documentos encontram-se sob a guarda das instituições públicas, mais precisamente nos arquivos públicos e ou órgãos de secretarias municipais.

As diretrizes que orientam a elaboração destes programas de reabilitação das Áreas Urbanas Centrais, sobretudo das grandes cidades e capitais brasileiras, como é o caso de Fortaleza e Belo Horizonte, fundamentam-se na avaliação do governo brasileiro, especialmente, da Secretaria Nacional de Programas Urbanos, ligada ao Ministério das Cidades⁶.

Segundo alguns documentos desta secretaria a necessidade destas políticas se deve ao fato do processo de esvaziamento ou perda de diversidade destes espaços, pela existência de imóveis vazios e subutilizados; pela degradação do patrimônio histórico; concentração de comércio ambulante, transferência de atividades produtivas para áreas e novas localidades, degradação do espaço público e utilização da área restrita aos períodos diurnos. Nestas avaliações essas situações foram causadas pela acentuada presença do mercado imobiliário na criação de novas centralidades a partir de provisão habitacional, tidos como fatores determinantes para o esvaziamento dos centros urbanos. Ligado a este principal fator está a proliferação dos discursos da segurança, da modernidade presente nas novas áreas, à adaptação tecnológica, à visão do automóvel como meio de acesso exclusivo à área nobres da cidade. Desta maneira, a macha urbana se estende em direção às periferias, tanto para abrigar o assentamento da

⁵ Não são poucos os estudos que abordam essas questões referindo-se à experiência das propostas de revitalização/requalificação principalmente as européias que tem como paradigma a cidade de Barcelona, na Espanha, em 1992. Sobre esse tema ver: Otilia, Arantes Uma Estratégia Fatal: A cultura nas novas Gestões Urbanas. In A cidade do Pensamento Único. Desmanchando Consensos. Petrópolis, 3 edição. Editora Vozes, 2002.p.11-75

⁶ Programa de Revitalização de Áreas Urbanas Centrais”. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Políticas Urbanas.,2005 site: <http://www.cidades.gov.br>

população de baixa renda, quanto em direção às novas áreas de expansão imobiliária para abrigar os setores de alta renda nos condomínios fechados.

Assim de acordo com essa visão, as inúmeras experiências de intervenção nos centros urbanos difundidos nas últimas décadas do século passado, constituíram-se “um roteiro não sistematizado de orientações para as ações do governo e da iniciativa privada, o que ficou conhecido como ações de requalificação urbana, tendo como efeito o reforço da expulsão da população pobre dessas áreas, na medida em que as novas intervenções urbanísticas públicas e privadas promovem a revalorização imobiliária, num processo de “enobrecimento” da área central”.

Deste modo, as diretrizes dos programas de reabilitação urbana, devem considerar como principal objetivo:

“Reabilitar as áreas urbanas centrais por meio da recuperação do estoque imobiliário subutilizado para promover o uso e a ocupação democrática dos centros urbanos, propiciando o acesso à habitação com a permanência e a atração de população de diversas classes sociais, principalmente as de baixa renda, além do estímulo à diversidade funcional recuperando atividades econômicas e buscando a complementaridade de funções e preservação do patrimônio cultural e ambiental” (Programa de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais – PRAUC. 2009p. 3)

Ao seguir esse objetivo os representantes dos poderes públicos estariam executando os princípios e instrumentos contidos no Estatuto da Cidade⁷, compreendendo a função social da propriedade através da reutilização de edificações ociosas, de áreas vazias ou abandonadas, subutilizadas ou insalubres, bem como a melhoria da infra-estrutura, dos equipamentos e dos serviços urbanos. Tais programas tem como fontes de apoio: recursos financeiros, advindos das agências do governo federal; a disponibilidade de imóveis públicos e conta ainda com a coordenação setorial e fomento às ações federativas.

Desta maneira o que se pode notar é que a análise destes programas de revitalização/reabilitação nas cidades estudadas, não pode ser realizada como “ações restritas” e ou derivadas apenas dos programas dos governos que venceram as eleições

⁷ O Estatuto da Cidade: comentado = The City Statute of Brazil : a commentary/organizadores Celso Santos Carvalho, Anacláudia Rossbach. – São Paulo: Ministério das Cidades: Aliança das Cidades, 2010. www.cidades.gov.br

municipais, nos primeiras décadas do século XX. Eles apresentam-se como políticas públicas, cujas diretrizes seguem uma perspectiva de mudanças no processo de exclusão e de reprodução das desigualdades sociais, sobretudo em matéria dos direitos à cidade democrática, e em particular o acesso à habitação nos centros das grandes cidades⁸.

Até que ponto essa perspectiva tem conduzido a execução destes programas nestas cidades?

Para a compreensão destas questões foram realizadas entrevistas com urbanistas e arquitetos que atuam na gestão destes programas tanto em Belo Horizonte, como em Fortaleza. Estas entrevistas foram produzidas com o intuito de compreender os interesses que se constituem na proposição destes programas e os “entraves” vividos durante o processo de execução das obras.

Também realizei entrevistas com trabalhadores que ocupam estas áreas revitalizadas, para compreender por meio de suas narrativas os diferentes significados destes programas nos espaços vividos por eles e compreendidos nesta pesquisa como territórios de seus pertencimentos e direitos à cidade.

Com esses moradores busquei identificar a maneira como interpretam as transformações nos espaços revitalizados refletindo suas narrativas como componentes da problemática investigada. As entrevistas foram realizadas nos espaços de suas residências ou nos espaços públicos onde trabalhavam, vivem e se reconhecem socialmente enquanto cidadãos nas cidades pesquisadas.

Na produção destas narrativas a interlocução construída com os entrevistados será analisada para além dos limites “pessoais” da fala e, ao mesmo tempo, vinculado a este campo de relação entre o pesquisador e o entrevistado, no qual o enredo é construído. Isto para dizer que as narrativas não “traduzem” a realidade interpretada pelos entrevistados, de modo externo e desarticulado de suas culturas. Suas falas apresentam-se como atos de intervenção nesta realidade. Nestes diálogos estes agentes assumem suas autorias quando selecionam os elementos com os quais compõem seus enredos e por meio deles vão produzindo linguagem e memória sobre seus modos de

⁸ Rolnik, Raquel e Milton Botler – Por uma Política de Reabilitação dos Centros Urbanos. Texto publicado na Revista Ócullum – PUC-SP. s/data. Site Ministério das cidades. Governo Federal. Brasil. Consulta feita em agosto de 2009.

viver diante das determinações, dos limites e das pressões vividas na dinâmica da vida urbana.

Cabe ressaltar os procedimentos de produção e de análise destas fontes, pois o que é dito não representa um “reflexo” imediato do que é vivido. O que é dito é constituído como um processo ativo de produção de memória na linguagem articulada aos elementos constitutivos de suas culturas, isto é, nos valores e significados atribuídos ao movimento de mudanças, na dinâmica das lutas diárias, do viver a desigualdade e a expropriação de seus modos de vida. (Williams, 1979 p.27).

Nesta perspectiva, as narrativas orais são constitutivas desta realidade social, porque intervêm nela, não de modo a “desmistificá-la” e, sim, no sentido de disputá-la em meio à correlação das forças hegemônicas, no campo contraditório no qual essas relações forjaram historicamente a sociedade capitalista.

Em Belo Horizonte o roteiro das entrevistas foi construído a partir da referência as áreas centrais da cidade e em Fortaleza o espaço foi o do Bairro/Praia de Iracema. Nestas cidades entrevistei trabalhadores (as) das feiras culturais, pescadores e ambulantes. Na análise de suas narrativas a preocupação será compreender os impactos destas políticas de revitalização em seus viveres para com isso descobrir os pontos de junção e de injunção em suas culturas no modo como criam, inventam as estratégias e redes de relações nos espaços, as mudanças provocadas em seus vínculos afetivos, políticos, enfim, de pertencimento social à cidade.

Referência Bibliográfica:

ARANTES, Antônio Augusto (Org.). Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense; CONDEPHAAT, 1984.

_____. Paisagens paulistanas; transformações do espaço público. Campinas: Ed. UNICAMP; São Paulo: IMESP, 2000.

ARANTES, Otília et al. A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2000.

BERNAL, Cleide. A Metrópole Emergente. A Ação do Capital imobiliário na Estruturação Urbana de Fortaleza. Fortaleza, Editora da UFC/Banco do Nordeste, 2004.

BEZERRA, Roselene. O bairro. Praia de Iracema. Entre o “adeus” e a “boemia”: usos e abusos num Espaço Urbano. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

BORJA, Jordi. La Ciudad Conquistada Colaboración de Majda Drnda, Mariela Iglesias, Mirela Fiori y Zaida Muxi. Madrid: Aliança Editorial, S.A, 2005

BRASIL, Armíria Bezerra; SOUZA, Maria Ângela de Almeida. A política de incentivo ao turismo em Fortaleza, Brasil; ampliando a desigualdade e segregação sócio-espacial. In: JORNADA INTERNACIONAL DE VIVIENDA SOCIAL, 5., 10-13 out. 2007, Valparaíso, Chile. Disponível em: <http://www.invi.uchile.cl/derechociudad/ponencias/Jornada/Panel>. Acesso em: ago. 2009.

CALVO, Célia Rocha. Uma praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural. In: KHOURY, Yara Aun et al. Outras histórias: memórias e linguagens. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2006.

CENTROS HISTORICOS DE AMERICA LATINA Y EL CARIBE. Fernando Carrion, editor. Unesco/BID/MCC França e Flasco- Equador, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Seminários: o nacional e o popular na cultura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1990.

_____. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. In: O DIREITO à memória. Patrimônio Histórico e Cidadania. Resoluções. Departamento do Patrimônio Histórico. Secretaria de Cultura, Prefeitura do Município de São Paulo, DPH, 1992.

CIDADE. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, IPHAN, n. 23, 1994.

CORPOS E CENARIOS URBANOS: territórios urbanos e políticas culturais. (org.) Henri Pierre Jeudy e Paola Berenstein Jacques. Tradução: Rejane Janowitz /revisão técnica : Lílian Fessler Vaz. - Salvador : EDUFBA ; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro: Introdução; Cidades. Pesquisa em História. Programa de Estudos Pós-graduados em História, PUC-SP, São Paulo, Editora Olho D'água, n. 1, 1999.

_____ et al. (Org.) Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho D'Água, 2005a.

_____. Construindo políticas públicas: cultura e patrimônio cultural. Conferência Municipal de Cultura. Fortaleza-CE, 2005b.

FERREIRA, João Sette Whitaker. O Mito da Cidade Global. O Papel da Ideologia na produção do Espaço Urbano, Petrópolis, RJ, Vozes; São Paulo, SP: Editora Unesp; Salvador, BA: Anpur, 2007.

_____. Cidades para poucos ou para todos? Impasses da democratização das cidades no Brasil e os riscos de um “urbanismo às avessas”, in Hegemonia às Avessas. Francisco de Oliveira, Ruy Braga e Cibele Rizek (orgs.). São Paulo, SP: Boitempo, 2010.

GODIN, Linda et al Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: um projeto de requalificação da antiga área portuária de Fortaleza-CE. In: VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de (Org.). Intervenções em centros urbanos. Objetivos, estratégias e resultados. 2 ed. rev e atual. Barueri, SP: Manole, 2009.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: Da Diáspora; identidades e mediações culturais. Tradução de Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARVEY, David. O Neoliberalismo. História e implicações. Tradução. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005.

_____. A Produção Capitalista do Espaço. Tradução Carlos Szlak. 2 ed. São Paulo, SP: Annablume, 2006

_____. Espaços de Esperança. Tradução. Adail U. Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2000.

_____. Condição Pós-Moderna. Uma pesquisa sobre a Origem da Mudança Cultural. Tradução: Adail U. Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1989.

HUYSEN, Andreas. Em Busca Del Futuro perdido. Cultura y Memória en Tiempos de Globalización. Buenos Aires, Fondo de Cultura Economica de Argentina S.A., 2001.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias. Cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa R. et al. (Org.) Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho D'Água, 2005.

MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. Planejamento urbano. In: ARANTES, Otilia et al. A cidade do pensamento único, desmanchando consensos. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2000.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Revista Projeto História. Programa de Estudos Pós-graduados em História, Departamento de História, PUC-SP, São Paulo, EDUC, n. 14, 1997.

TELLES, Vera da Silva. Direitos Sociais. Afinal do que se trata? Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. Nas franjas da “cidade global”: tudo certo, tudo em ordem? In: CABANES, Roberto (Org.). Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006.

TELLES, Vera da Silva; Cabanes,, Roberto (Org.). Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006.

THOMPSON, Edward. P. Costumes em comum; estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. A miséria da teoria: ou, um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.